

IDEIAS EM MOVIMENTO: VIAGENS COMO HORIZONTE NA HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

Alexandra Lima da Silva*

Resumo: Filosóficas, literárias, míticas, científicas, compulsórias, religiosas, missionárias, migratórias, turísticas, amorosas e pedagógicas. Assim se caracterizam as viagens. Uma prática, diferentes sentidos e significados. Se, por um lado, as viagens são plurais e múltiplas, na mesma medida são os estudos que se propõem a refletir sobre essa temática. Tais trabalhos que propõem investigar o viajante podem utilizar fontes diversas, como cartas, cartões postais, bilhetes de embarque, diários, notas e relatórios de viagem. Inventariar alguns usos das escritas de viagem no âmbito da História da Educação é o horizonte do presente artigo. Para tanto, utiliza como procedimento metodológico o mapeamento de estudos produzidos na historiografia da educação nos últimos anos, a fim de tecer uma reflexão sobre os diferentes sentidos do viajar.

Palavras-chave: Viagens. Fontes. Historiografia Da Educação.

Ideas in Motion: trips like horizon in the historiography of education

Abstract: *Philosophical, literary, mythical, scientific, compulsory, religious, missionary, migration, tourism, teaching. This way the trips are characterized. A practice with different meanings. On one hand, the trips are varied and multiple, in equal measure are the studies that purport to reflect on this issue, addressed in different areas of knowledge, highlighting the breadth and interdisciplinary nature. These works propose to investigate the traveler may use various sources, such as letters, cards, boarding passes, journals, notes, trip reports. To list some uses of written travel within the History of Education is the horizon of this article. Using*

* Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso; Rua Ari Rodrigues da Silva, Lote 29, Quadra 517, Itaoca, São Gonçalo, RJ, 24471-270; alexandralima1075@gmail.com

as methodological procedure the mapping the studies produced in the historiography of education in recent years, in order to weave a reflection on the different senses of travel.

Keywords: Travel. Sources. Historiography Of Education.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da história proporciona uma abertura semelhante àquela obtida nas viagens. Nos dois casos, deparamo-nos com “o outro”, no tempo e no espaço. Embora esse encontro não implique, necessariamente, uma mudança no olhar do estudioso da história ou do viajante, tornando-o menos etnocêntrico, por exemplo, certamente o encontro com o “diferente” pode possibilitar, por similitude e diferença, uma maior compreensão de si e de sua própria cultura. O contato com o “outro” pode nos mostrar o quanto somos universais e, ao mesmo tempo, particulares. (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 15).

As palavras supracitadas introduzem alguns dos horizontes do presente artigo, que busca exatamente explorar a relação viagens/história. O deslocamento no tempo e no espaço proporcionado pelas viagens pode levar a uma releitura da própria cultura, como também à ampliação dos horizontes em relação à compreensão do outro, o diferente. Assim, em um mapeamento dos estudos que se propõem a refletir sobre essa temática, é possível aferir que as viagens vêm sendo exploradas nas diferentes áreas do conhecimento, evidenciando a abrangência e o caráter interdisciplinar dessa problemática. O objetivo do presente artigo é proporcionar visibilidade à intensa produção sobre a temática, com especial atenção aos usos das experiências dos viajantes no âmbito da historiografia da educação.

Em termos de pesquisas acadêmicas sobre viagens, viajantes e relatos, abundam perspectivas e abordagens. As viagens se intensificaram durante o século XVIII, em que, cada vez mais, pessoas de diferentes grupos e classes sociais começaram a viajar e a escrever sobre essa experiência (MUSSER, 2011). A infraestrutura para a realização das viagens também se desenvolveu em paralelo, com a construção de ruas e o melhoramento dos transportes. Ademais, a demanda por informações sobre os países estrangeiros impulsionou a literatura de viagens no mercado de livros europeu. A autora acentua que durante o século XIX as primeiras formas de turismo transformaram as atividades relacionadas ao viajar em um fenômeno de massas (MUSSER, 2011, p. 9). Por sua vez, Brenner (2011) defende que desde a antiguidade, e em parte dos textos antigos, há

uma conexão com as viagens. O viajar, para o autor, modificou-se com o tempo, assim como as escritas sobre isso. Na Europa do século XVIII, a curiosidade e o espírito de aventura foram completados pelos mitos de educação. No caso dos viajantes dos tempos modernos, Brenner (2011, p. 18) é bastante cético. Para ele, é bastante duvidoso que alguém aprenda alguma coisa e se torne uma pessoa diferente a partir de uma viagem dentro desse contexto, sobretudo ao se considerar o que denomina de “turismo de massa.”

No âmbito da historiografia nacional, as pesquisas de Leite (1997) se dedicam aos estrangeiros que vieram para o Rio de Janeiro, durante o século XIX, constituindo uma “constelação de autores”, em registros de diferentes formas e finalidades:

Alguns desses livros são as correspondências dirigidas à família ou aos amigos; outros, diários de viagem, escritos sem a intenção de publicação, ou como apoio a um relatório posterior; outros ainda são memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos e mesmo, álbuns de desenhos. (LEITE, 1997, p. 11).

Centrada nos registros produzidos pelos viajantes, a autora pontua que estes observaram, descreviam e classificavam o visitado, em um movimento de comparação a partir da sua cultura e referências em torno do que era ser civilizado, nos moldes europeus, principalmente. Outra importante referência na historiografia é o trabalho de Miceli (1994, p. 10), em que o autor explora a vida no além-mar, a partir das vivências dos navegantes, nos séculos XV e XVI, não pelos grandes nomes das “descobertas e grandes navegações”, mas a partir dos homens comuns, na perspectiva da história social. Por seu turno, outros pesquisadores têm explorado os viajantes estrangeiros no Brasil nas mais variadas perspectivas (SUSSEKIND, 2000; BELLUZO, 2000; AUGEL, 1980).

Já no âmbito dos estudos da História da Educação, é possível afirmar que a problemática das viagens e dos viajantes tem sido mote de muitas pesquisas, resultando em teses, dissertações, eventos e publicações diversas sobre a temática, evidenciando a diversidade de olhares, caminhos e abordagens. Assim, todas as viagens são educativas? Como a temática vem sendo trabalhada pela historiografia da educação? Com quais fontes e caminhos metodológicos?

Em relação à utilização das fontes, podem ser enumeradas as mais variadas, como cartas, cartões, diários, relatórios e notas de viagem. Tais vestígios, muitos dos quais escritos, permitem vislumbrar “[...] relatos de espanto, admiração, respeito e esperança. Olhares de familiaridade e estranhamento que tentaram inspirar e legitimar mudanças nas realidades educacionais.” (MIGNOT; GON-

DRA, 2007, p. 9). Nessa operação escriturária, é preciso salientar que são feitas escolhas e recortes, considerando, sobretudo, as afinidades teóricas e conceituais com os interlocutores analisados.

A circulação das ideias, as “novidades” pedagógicas e o intercâmbio podem ser apontados como motivações para as muitas andanças realizadas por sujeitos preocupados com a educação *lato sensu*. Assim, o livro *Viagens Pedagógicas* (2007), organizado pelos Professores Ana Chrystina Mignot e José Gonçalves Gondra, reúne uma série de experiências de viagens de educadores e educadoras, em um mosaico com diferentes nacionalidades, temporalidades e destinos que ajuda a visualizar os diferentes esforços e pesquisas preocupadas com a historicidade e importância das viagens para se compreender os processos educativos. O livro é composto por trabalhos que ajudam a dimensionar o interesse pela temática no âmbito da História da Educação e a diversidade de fontes. No texto de Carla Simone Chamon e Luciano Mendes de Faria Filho, exploram alguns impressos publicados pela Professora Maria Guilhermina para analisar a importância da viagem aos Estados Unidos na trajetória profissional da referida educadora. Por sua vez, José Gonçalves Gondra analisa a viagem do normalista Antonio Herculano Bandeira Filho a partir dos manuscritos dos relatórios. Alessandra Schueler examina a viagem que o professor Manuel Frazão realizou à Europa em finais do século XIX também a partir do relatório oficial apresentado à Inspeção de Instrução Primária. Ainda na trilha dos relatórios, Joaquim Pintassilgo investiga os escritos por bolsistas portugueses a instituições educativas de países europeus. Rogério Fernandes aborda as viagens de duas educadoras portuguesas ao Instituto Jean Jacques Rousseau a partir de fontes variadas, como relatórios, jornais e revistas. De forma diferente, Pedro Moreno utiliza como fontes, notícias e notas publicadas em jornais, como *El Eco de Cartagena* para analisar as viagens empreendidas pelo Professor espanhol Félix Martí Alpera no início do século XX à França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Holanda, Dinamarca e Noruega. Crônicas publicadas na imprensa também foram utilizadas por Jussara Pimenta ao estudar a viagem de Cecília Meireles a Portugal. Cartas, diários e manuscritos foram algumas das fontes analisadas por Clarice Nunes ao estudar as duas viagens que Anísio Teixeira empreendeu aos Estados Unidos na década de 1920. Cartões postais e cartas são explorados por Ana Chrystina Mignot no estudo a respeito da travessia de Antonia Ribeiro de Castro Lopes ao Instituto Jean-Jacques Rousseau. Os relatos da viagem de Adolphe Ferrière à América Latina, publicados na revista *Pour l'Ere Nouvelle* foram as fontes eleitas por Marta Chagas de Carvalho.

Por sua vez, outra importante publicação na área sobre a temática é o dossiê *Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos*, que compõe a *Revista Brasileira de História da Educação* (2010). Os textos do dossiê foram apresentados no *VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, realizado em 2007. Destaco ainda o livro *Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX*, organizado por Margarida Felgueiras e Antón Costa Rico.

Entre a recente produção acadêmica no âmbito da história da educação, destaco a crescente produção de teses e dissertações que exploram a viagem em suas diferentes possibilidades de análise. O trabalho de Jussara Pimenta fez uso de cartas e crônicas publicadas em jornais como fonte de pesquisa para estudar a viagem de Cecília Meireles a Portugal em 1934 (PIMENTA, 2008). Por sua vez, Inês Rocha, no quarto capítulo de sua tese de doutorado analisa a questão do intercâmbio internacional e a formação intelectual em viagens pedagógicas, a partir das cartas que Liddy Chiaffarelli Mignone enviou para Mário de Andrade, nas viagens da musicista e educadora musical ao exterior. Inês Rocha destaca que “[...] as viagens realizadas por Liddy Chiaffarelli podem ser compreendidas como viagens pedagógicas, no sentido em que os viajantes se aproximam dos modelos de outros países, e por sua vez, fazem circular modelos pedagógicos brasileiros.” (ROCHA, 2010, p. 186). Já em relação aos usos das cartas como fonte, a autora pontua que estas “[...] se apresentam como uma fonte privilegiada para obter dados sobre viagens, pois o viajante registra acontecimentos, impressões, sentimentos e emite opiniões, independentemente do tipo de viagem que realiza.” (ROCHA, 2010, p. 186). Diários e o relatório de viagem foram as fontes privilegiadas por Cardoso (2011) para analisar o ideário educacional brasileiro do intelectual Anísio Teixeira. A tese de Pinto (2011) também parte de um relatório para compreender os significados da viagem do Professor primário Luiz Augusto dos Reis, em 1891, a Portugal, Espanha, França e Bélgica. Compreender os significados da travessia de quase cinco meses pelo Brasil afora na experiência de Pombo (2010) foi o horizonte da tese intitulada *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*, na qual se defende que o trânsito por diferentes estados e instituições foi fundamental para a afirmação do referido autor no campo da escrita da história (SILVA, 2012).

Assim, muitos dos estudos que se debruçam a pensar a importância das viagens para a educação corroboram a dimensão proposta por Viñao Frago (2007, p. 15) para o qual “[...] *todos los viajes educan, aunque solo sea por abrir*

al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros.” A aprendizagem, que nas palavras de Serres (1997, p. 60) consiste em uma tal mestiçagem, por meio do encontro com o outro e com a alteridade, é essencial para o entendimento da condição do viajante em suas angústias e inquietações. Por meio dos contatos estabelecidos, novos saberes e espaços são desvendados em um constante movimento de busca pelo conhecimento em que, conforme salienta Serres (1997, p. 15), as várias diferenças conhecidas e assimiladas durante as viagens trazem para casa novos gestos e novos usos, além de muitas outras aprendizagens “[...] para fazer brilhar a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento.” Para Felgueiras e Costa Rico (2011, p. 7), “[...] as viagens e os contatos que elas propiciam foram sempre um meio de enriquecimento cultural, pela troca de ideias, pelo confronto de culturas e suas formas de vida.”

Embarcando para a Europa do século XVIII, encontro homens como John Locke, David Hume e Jean Jacques Rousseau discutindo a respeito das vantagens e desvantagens das viagens no processo educativo. A viagem teria sempre um duplo efeito: modificaria a cultura visitada e a própria cultura do viajante. Na perspectiva de Brenner (2011), viajar definiu-se como um importante instrumento para a educação no século XVIII, ou pelo menos desde *A Sentimental Journey*, de Sterne (1768). Por sua vez, o “mito da viagem educativa” estabeleceu-se na Alemanha especialmente desde Goethe. Todavia, pondera Brenner (2011), que para muitos estudiosos nem sempre a viagem terá uma dimensão educativa significativa na vida dos sujeitos, pois o viajante pode ver menos de uma cultura do que ele pensa. Ele somente vê o que pode ver dentro daquilo que sua cultura lhe permite, no que interferem problemas individuais, necessidades, preconceitos e estereótipos, que podem ter até mais influência do que a percepção autêntica do desconhecido (BRENNER, 2011, p. 16). Um exemplo disso, para o autor, poderia ser visto na literatura, na obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Quixote nada teria aprendido em suas jornadas. Ele não teria se tornado mais inteligente, mais informado ou mais “iluminado” e, ao final, teria permanecido o mesmo homem do início da obra: um simpático e inofensivo cavaleiro, cheio de sonhos e ilusões (BRENNER, 2011, p. 17).

As ponderações do autor, feitas de análises de viajantes da Idade Moderna, são pertinentes para que não se ignore a dupla dimensão do viajar, que tanto pode ampliar a noção de mundo e de conhecimento quanto servir para reafirmar preconceitos e estereótipos. Com essas ferramentas, busco interpretar os sentidos

e construções em torno de algumas experiências que se diziam motivadas por um viés educativo no viajar.

2 OUTROS OLHARES: SUJEITOS E IDEIAS EM TRÂNSITO

A partir do inventário de algumas destas experiências, procuro compreender as nuances de cada uma, tentando esmiuçar o impacto das viagens na construção de diferentes projetos, ações e modelos nas diferentes realidades educacionais, bem como nas transformações que uma viagem pode representar na vida dos sujeitos em trânsito.

Desse modo, o inspetor técnico de ensino Estevão de Oliveira¹ foi comissionado pelo Governo e, no ano de 1901, viajou para os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro como representante da comissão do Governo mineiro, com o objetivo de visitar as escolas dos referidos estados, de modo a delinear um plano de reforma para o ensino público primário e normal mineiro (CHAMON; FARIA FILHO, 2010). O viajante pôde observar os modelos escolares e os métodos adotados nas escolas, comparando com a experiência de Minas Gerais. Ademais, as observações possibilitaram elementos à escrita de um relatório, intitulado *Reforma do ensino primário e Normal em Minas Gerais*, produzindo uma:

Reflexão transformada em escrita, em que o olho era ordenado pela mão, o relatório era uma prestação de contas ao governo de sua viagem comissionada, ao mesmo tempo em que era momento de compartilhar percepções, opiniões e conhecimentos sobre um outro com seus contemporâneos. (CHAMON; FARIA FILHO, 2010, p. 19).

Assim, mediante a comparação com outras realidades educacionais dentro do próprio país, Estevão de Oliveira mostrava as diferenças na regulamentação e organização escolar nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (CHAMON; FARIA FILHO, 2010, p. 39).

Em outro momento, no século XIX, o inspetor da Instrução Pública da Província de Pernambuco, João Barbalho Uchoa Cavalcanti,² viajou à Corte e às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, e a partir dessa experiência escreveu o relatório *Instrução Pública — estudo sobre o sistema de ensino primário e organização pedagógica das escolas da Corte, Rio de Janeiro e Pernambuco*, publicado no ano de 1897, em Recife, pela Typographia de Manoel Figueiroa de Faria e Filhos. Entre outros aspectos, o inspetor direcionou seu olhar em relação às escolas infantis, primárias, asilos, cursos noturnos, escolas dominicais, bibliotecas,

museus, caixa econômica escolar, conferências pedagógicas e planos de ensino. Objetivava, a partir da atenta observação, adotar os aperfeiçoamentos e melhoramentos na educação de Pernambuco (SCHUELER; GONDRA, 2008, p. 448).

Enquanto inspetores, a reflexão e os olhares destes sobre a educação deveriam convergir com a preocupação em relação à organização da educação, traçando, por meio dos relatórios oficiais, um diagnóstico, para muitas vezes remodelar a realidade educativa vigente.³ Nesse sentido, a figura do inspetor pode ser entendida em uma dimensão mediadora, pois, ao realizar um diagnóstico, o inspetor produz um discurso mediador, que, “[...] mais do que revelar a realidade das coisas como pretendia, indicava determinados lugares sociais de pertencimento e a sua posição política como autoridade gestora da instrução em uma região do país.” (SCHUELER; GONDRA, 2008, p. 442).

Percorrendo os estados do Espírito Santo, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Amazonas, outro viajante que produziu relatos de viagens importantes para pensar a educação foi o Professor de História Rocha Pombo (2010). Tal travessia permite que se compreendam os interesses em desbravar e conhecer melhor o próprio país. Nesse sentido, os intelectuais preocupados com a educação no período analisado não apenas olhavam para o exterior à procura de modelos a serem adotados em território nacional. A jornada de Rocha Pombo não integrou uma comissão oficial do Governo para inspecionar, observar e programar experiências educativas de um lugar para outro, apesar dos apoios recebidos e da constante aproximação com os poderes locais. Sujeitos como Rocha Pombo buscavam adentrar pelos ditos “confinos” do país com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre as gentes e as histórias, no sentido de atravessar fronteiras, fortalecer laços, redes e alianças, demarcando espaços. Tal experiência permitiu que se visualisassem diferentes experiências educativas pelo Brasil afora, além de fazer circular as ideias e os ideais do autor, por meio de seus livros didáticos, de Norte a Sul do Brasil, em um projeto que visava transformar cada vez mais o Brasil em um país letrado e conhecedor de sua história (SILVA, 2012, p. 35).

A prática de olhar para dentro e peregrinar no próprio território também foi experimentada em outras realidades educacionais, em âmbito internacional. Na Espanha, por exemplo, o jornalista Luis Bello⁴ percorreu as escolas das distintas regiões espanholas entre 1925 e 1931, construindo, de acordo com a perspectiva de Escolano (1997, p. 17), uma radiografia da realidade educativa do país, em sua diversidade, com especial olhar para a realidade das escolas rurais.

Por sua vez, muitos foram aqueles que saíram de seus países em busca de outras experiências educativas, com intenções e olhares diversos, podendo a viagem ser pensada enquanto “[...] técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro.” (GONDRA, 2010, p. 13). Ademais, ao conhecer outras realidades, os educadores poderiam “[...] refletir sobre a circulação de ideias, projetos e modelos educacionais em curso.” (GONDRA, 2010, p. 14). Entre os destinos no exterior, destacam-se aqueles que se dirigiam aos países da América e da Europa.

A primeira comissão oficial de professores brasileiros que percorreu o continente europeu, no ano de 1890, era composta por Luiz Augusto dos Reis, Manoel José Pereira Frazão e Amélia Fernandes da Costa, com a finalidade de estudar o sistema educacional de vários países, a saber, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Itália, Suíça, Suécia e Inglaterra. Os relatos de tais educadores foram divulgados nas páginas da *Revista Pedagógica*, publicação do *Pedagogium* e mereceram muitos estudos (MIGNOT; SILVA, 2011; SCHUELER, 2007; SCHUELER; GONDRA, 2010; PINTO, 2011).

A Professora mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade⁵ embarcou rumo aos Estados Unidos em 1883, onde objetivou, estudar os métodos froebelianos, em que se preparou para observar os métodos da dita Educação Nova, praticados no New York Seminary for Kindergartners. Para Chamon (2008, p. 147), a viagem possibilitou à professora a aquisição de conhecimentos, bem como reconhecimento e distinção no meio educacional, “[...] uma vez que viu o que a maioria das pessoas não pode ver,” e ao retornar ao Brasil, passou a publicar seus livros para a instrução elementar, fazendo circular os aprendizados adquiridos em trânsito.

Nas primeiras décadas do século XX, outro conjunto de educadores e educadoras realizou travessias para fora do Brasil. O intelectual Anísio Teixeira peregrinou aos Estados Unidos e à Europa entre 1925 e 1929, deixando diários e relatórios, registrando por escrito a busca pelo conhecimento dos modelos referenciais de educação a partir do contato com diferentes culturas (NUNES, 2007; CARDOSO, 2011). Já a educadora Armanda Álvaro Alberto, na qualidade de integrante da Embaixada de Intercâmbio Intelectual, desembarcou no Uruguai em 1931, com a finalidade de estreitar o contato entre professores e alunos oriundos do Brasil e Uruguai (MIGNOT, 2010). Com o objetivo de tornar real o projeto de integração dos povos de Portugal e Brasil, Cecília Meireles, em sua dimensão de educadora, atravessou a imensidão do Atlântico em 1934, produzindo, durante o percurso, cartas e outras escri-

tas, que ajudaram na visibilidade e divulgação dessa experiência (PIMENTA, 2008). Por sua vez, participar de um curso no prestigiado Instituto Jean-Jacques Rousseau e visitar algumas escolas europeias foram as missões da educadora campista Antonio Ribeiro de Castro Lopes, em 1930 (MIGNOT, 2007).

Todavia, o movimento de estudar em instituições de referência também compunha o repertório de educadores americanos e europeus. No século XIX, podem ser destacadas as experiências americanas rumo ao exterior. O argentino Domingo Faustino Sarmiento⁶ foi enviado no ano de 1845 em missão oficial do Governo chileno para estudar a formação de professores e métodos educativos na Europa, tendo visitado Espanha, Itália, França e Prússia, onde analisou detalhadamente as políticas e realidades educacionais dos países. A experiência rendeu a Sarmiento muitos frutos, como a publicação da obra *De la educación popular* (1849), além da aproximação com os estudos de outro viajante, o estadunidense M Horace Mann. Este último, com a esposa Mary Peabody, viajou em maio de 1843 rumo ao continente europeu, com o objetivo de estudar as distintas instituições educativas na Inglaterra, Irlanda e Escócia, nos territórios alemães, Holanda, Bélgica e França. As observações abarcaram um amplo espectro de estudos, desde os espaços e edifícios de ensino, as estruturas e sistemas educativos e métodos pedagógicos, até as diferentes instituições educativas como escolas primárias, secundárias, normais, universidades, escolas públicas e privadas, reformatórios, entre outras (SCARZANELLA; SCHPUN, 2007, p. 24).

Assim como Sarmiento, outros dois argentinos viajaram para o continente europeu na metade do século XIX. Aos 32 anos, Juan Bautista Alberdi chegou ao velho mundo em junho de 1843 e Florêncio Varela, aos 36 anos, desembarcou em terras europeias em outubro do mesmo ano (WEINBERG, 1997, p. 1006). Em comum, tanto Sarmiento quanto Alberdi e Varela viviam exilados; os dois últimos se encontravam no Uruguai. Com cinco meses de duração, os destinos de Alberdi foram Itália, Suíça e França, enquanto Varela percorreu, em seis meses, Inglaterra e França. Juan Bautista Alberdi ambicionava estudar o sistema judicial do reino da Sardenha, considerado por ele o mais adiantado da época, sendo sua viagem uma motivação pessoal e privada. Por sua vez, Varela foi comissionado pelo Governo do Uruguai em missão diplomática com o Governo da Inglaterra. Entretanto, outros interesses foram incorporados, como as atividades culturais e a situação política dos países visitados. Estes viajantes também produziram testemunhos escritos de suas experiências, como *Veinte dias en Génova*

(1846), *Recuerdos de Europa* (1844), de Alberdi, e *Diario de viaje*, de Varela, que permaneceu inédito até a década de 1970 (WEINBERG, 1975).

Já o chileno José Abelardo Nuñez⁷ foi comissionado pelo Ministério de Justiça, Culto e Instrução Pública, no ano de 1878, para que estudasse na Europa e na América o estado da instrução primária, com a condição de que informasse ao Governo chileno acerca das instituições, regulamentos e demais elementos da organização que pudessem ser aplicados nas escolas da República chilena. Nuñez permaneceu três anos e meio no exterior, no qual afirmava, nas correspondências enviadas às autoridades do país, ter cumprido tão importante comissão, tendo visitado os estabelecimentos de educação elementar, industrial e de ensino especial que lhes foram possíveis, destacando os Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Suécia, Noruega, Dinamarca e França. José Abelardo Nuñez sugeriu, ainda, que para a aplicação nas escolas chilenas, dos progressos observados nos países estrangeiros, deveria realizar visitas nas escolas da República (normais, superiores e primárias), de modo a tomar conhecimento do estado em que se encontravam.⁸

Já nas primeiras décadas do século XX, o médico e criminalista Hugo Lea-Plaza (1891-1963) foi contratado para estudar os regimes carcerários no velho mundo, de modo que produzisse uma compreensão acerca do problema da criminalidade e da delinquência no Chile, sobretudo entre crianças e jovens, o que lhe rendeu muitas conferências e trabalhos a respeito da temática investigada. Retornando após três anos, expôs no Congreso Panamericano del Niño a respeito da internação de crianças abandonadas em asilos (FLORES ROJAS, 2010, p. 213).

Entre os europeus que realizaram viagens, muitos foram os educadores portugueses que fizeram estudos e estágios em instituições como o Instituto Jean-Jacques Rousseau (FERNANDES, 2007). Bolsistas portugueses também viajaram para instituições educativas de diferentes países europeus, com o intuito de que, com o retorno a Portugal, pudessem contribuir com o movimento de renovação do sistema educativo, seguindo, assim, o movimento de frequentar e “[...] conhecer instituições consideradas, de alguma maneira, exemplares e localizadas em países que passavam por ser dos mais cultos e desenvolvidos da Europa de então.” (PINTASSILGO, 2010, p. 66). Já a educadora portuguesa Emília de Sousa Costa atravessou o Atlântico no ano de 1923 para ministrar conferências no Brasil. A portuguesa visitou diferentes instituições educativas e assistenciais no Rio de Janeiro (MOGARRO, 2008), o que foi registrado em seu livro *Como eu Vi o Brasil*, publicado no ano de 1925 (COSTA, 1926). Em relação à Espanha, “[...] las preocupaciones reformistas fueron la causa primordial que impulsaron a algunos

profesores a llevar a cabo un viaje de estudio al extranjero.” (MORENO-MARTINEZ, 2007, p. 117). Nesse contexto, destacam-se as viagens ao exterior do Professor espanhol Félix Martí Alpera⁹, entre finais do século XIX e princípios do século XX, percorrendo países, como França, para onde viajou por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1900. Por sua vez, Angel Llorca Y Garcia,¹⁰ enquanto membro da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, liderou e dirigiu um grupo de professores que viajou em 1912 para a França, Bélgica, Itália e Suíça com a finalidade de estudar a instrução primária e instituições complementares da educação popular nesses países (LLORCA Y GARCIA, 1912).

3 DESTINO FINAL: DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

Pelo conjunto de travessias até aqui reunidas, respeitando-se as especificidades de cada uma, nota-se, em grande parte dos casos, a preocupação com o registro das experiências, valorizando-se o movimento de buscar conhecer e divulgar as diferentes realidades educativas, entre o próprio país ou fora dele.

Assim, em muitos dos casos, o registro do visto e do vivido une os distintos viajantes e experiências. Em escritas de viagem, a narrativa e a memória são elementos constituintes da prática de registrar, em que o fio condutor é a própria travessia. Agrega-se a isso, o “viajante”, ora o próprio autor, ora o leitor do relato, que, ao adentrar na leitura, converte-se em um descobridor de paisagens, culturas e da própria figura do narrador, desnudado em sua escrita sobre o outro, que também revela sobre si.

Por sua vez, ao se escrever e publicar escritos de viagem, tem-se em mente a interlocução com um diferente “outro”, o leitor, muitas vezes, diferente do observado nos caminhos percorridos, mas que também produz olhares a partir da mediação do texto escrito. Por sua vez, o “outro”, o observado durante a viagem, também produz uma imagem daquele que o observa. Para Burke (2005, p. 50), é possível pensar a utilização dos chamados egodocumentos, como diários, relatos de viagens, cartas confessionais, pensados como instrumentos para a reconstrução do “eu”, desde que sejam feitas perguntas acerca da autorrepresentação e da autoaparência.

Ao se preocuparem com as questões referentes à educação, a prática de percorrer escolas e instituições tidas como modelares foi outra constante nas experiências. Por seu turno, os estudos em História da Educação inventariados e analisados no presente trabalho também permitem concluir que diferentes foram os sujeitos que realizaram viagens tidas como “pedagógicas”: professores e pro-

fessoras, estudantes, bolsistas, inspetores, autores, políticos, diretores de instituições de ensino, apenas para citar os mais recorrentes. Diferentes também foram os destinos. Alguns procuravam explorar as questões do próprio país. Outros viajavam para o exterior, fomentando o debate, o intercâmbio, a formação, a circulação de ideias, objetos, métodos de ensino, entre outros. Alguns viajavam com o objetivo de ampliar os contatos, consolidar-se e legitimar-se no cenário educacional.

Nessa modesta e despreziosa incursão sobre a temática, é possível aferir que no âmbito da Historiografia da Educação, ao se tomar as viagens como horizonte, distintas são as perspectivas dos próprios autores, mesmo quando se utilizam as mesmas fontes e objetos de pesquisa. Deste modo, para alguns, sobretudo entre aqueles que se debruçam a explorar as experiências de viagens rumo ao exterior, prevalece, muitas vezes, a tônica da busca de modelos pedagógicos de outros países a serem implementados no Brasil. Outros estudos, por sua vez, valorizam a aquisição de arcabouço simbólico da viagem na experiência dos sujeitos, na busca por legitimação no próprio campo educacional entre os pares. Há, ainda, os que concebem a viagem como prática essencialmente educativa, no sentido de valorização do estudo, da pesquisa e da formação, em sentido amplo. Por fim, muitas outras leituras são possíveis ao se mergulhar em uma temática tão rica como as viagens. Assim, este artigo não pretende ser conclusivo. Sugere, sim, muitas outras jornadas.

Notas explicativas:

¹ Além de inspetor, Estevão de Oliveira também foi educador, jornalista e proprietário de alguns jornais, como *O Povo* (1885-1889); *Popular* (1893); *Minas Livre* (1893) e *Correio de Minas* (1894) Conforme Kappel (2010, p. 16).

² João Barbalho Uchoa Cavalcanti nasceu no Estado de Pernambuco, em 13 de julho de 1946. Formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito de Recife, em 1867. Além de Promotor público, dedicou-se ao jornalismo. Em 1873 tornou-se Inspetor Geral da Instrução Pública, cargo exercido por 16 anos, em que “[...] seus trabalhos pedagógicos determinaram modificações importantes na instrução primária e secundária da província. Foram reconhecidos, inclusive em exposições pedagógicas como a que ocorreu em 1883 no Rio de Janeiro, quando recebeu medalhas.” (BESERRA, 2010, p. 81-82).

³ Muitos são os estudos que se debruçam sobre a figura do inspetor de ensino e sobre os relatórios produzidos por ele. Entre alguns trabalhos, cito: Faria Filho (2000) e Isobe (2004).

⁴ Nascido na Vila de Salmantina de Alba de Tormes, no ano de 1872, Luis Bello foi jornalista e escreveu em muitos periódicos da Espanha, entre os quais, *El Sol*, no qual inicialmente publicou suas impressões sobre as visitas às escolas. Em 1926 publicou *Viajes por las escuelas de España*, edições Magisterio Español. Faleceu em 05 de novembro de 1935.

⁵ Nascida em 1839, na cidade de Ouro Preto, foi professora, tradutora e autora de livros, entre os quais se destacam: Resumo de História do Brasil, em 1888, *Primeiro Livro de Leitura*, *Segundo Livro de Leitura*, *Terceiro Livro de Leitura*. A respeito da educadora, ver: Chamon e Faria Filho (2007, p. 39-64) e Chamon (2008).

⁶ Nascido em 1811, em San Juan, Argentina, foi opositor do regime político de Rosas, motivo que o levou ao exílio no Chile em 1841, onde permaneceu até 1853. Fundou a primeira Escola Normal de preceptoras da América do Sul no ano de 1845, e posteriormente publicou uma de suas obras mais conhecidas, *Facundo. Civilização e Barbárie. Vida de Juan Facundo Quiroga*. Outra importante obra de Sarmiento deriva de suas travessias ao continente europeu. Conforme Sarmiento (1997).

⁷ Educador e advogado, José Abelardo Nuñez nasceu em 1840. Foi incorporado à Sociedade de Instrução Pública como diretor em 1866. Publicou *Organización de escuelas normales*, fruto da experiência da viagem realizada a países estrangeiros. Conforme Ceballos (2008, p. 43-52).

⁸ Correspondência enviado por José Abelardo Nuñez ao Sr. Ministro, José Enjenio Vergara, em 09 de agosto de 1882 (Reproduzida em: Nuñez, 1883, p. 13-15).

⁹ Educador espanhol nascido em Valência, no ano de 1875. Autor de numerosas obras e livros didáticos, tendo participado da criação das primeiras escolas graduadas da Espanha. Viveu 65 anos, falecendo em 1946. <www.um.es/muvhe/felixmartialpera>. Acesso em: 20 dez. 2010.

¹⁰ Professor espanhol nascido em 1866, dedicado às questões da escola pública, publicou artigos reivindicando melhores condições para as escolas, crianças e professores, propondo reformas para tanto. Viveu na Residência dos Estudantes, em Madri, de 1910 a 1936 (REVISTA PARTICIPACIÓN, FAPA Giner de los Rios. oct./nov. 1999).

REFERÊNCIAS

AUGEL, M. P. **Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista**. São Paulo: Cultrix/MEC, 1980.

BELLUZO, A. M. M. **O Brasil dos Viajantes**. 3. ed. São Paulo: Metalivros, Objetiva, Salvador: Fundação G. Odebrecht, 2000.

BESERRA, R. **A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados**. 2010. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BRENNER, P. J. Does Travelling Matter? The Impact of Travel Literature on European Culture. In: MUSSER, R. (Ed.). **El viaje y la precepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX)**. Madrid: Iberoamericana, 2011.

BURKE, Peter. “Proyectar la historia de la autobiografía”. **Revista Cultura Escrita E Sociedad**, n.1, p. 49-51, 2005.

CARDOSO, S. de F. **Viajar é inventar o futuro: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)**. 2011, Dissertação (Mestrado em Educação)—Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CEBALLOS, A. Las empresas editoriales de José Abelardo Nuñez en Alemania, 1881-1905. **História**, v. 1, n. 4, p. 43-52, 2008.

CHAMON, C. S. **Escolas em reforma, saberes em trânsito**: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHAMON, C. S. ; FARIA FILHO, L. M. O olhar comparativo: Estevão de Oliveira e os grupos escolares em Minas, no Rio e em São Paulo. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 17-41, jan./abr. 2010.

COSTA, E. S. **Como eu vi o Brasil**. 2. ed. Lisboa: Editora Portugália, 1926.

ESCOLANO, A. La visita de Luis Bello a las escuelas de Madrid (1925-1930). In: BELLO, L. **Viaje por las escuelas de Madrid**. Madrid: Comunidad de Madrid, 1997.

FARIA FILHO, L. M. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.

FELGUEIRAS, M. L.; COSTA RICO, A. **Exílios e viagens**: ideários de liberdade e discursos educativos. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación, 2011.

FERNANDES, R. Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: dois olhares sobre a escola a partir da Escola Nova. In: MIGNOT, A. C. ; GONDRA, J. G. (Org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

FLORES ROJAS, J. La infancia y las amenazas de una sociedad en crisis. In: _____. **Historia de la infancia en el Chile republicano (1810-2010)**. Santiago: Ocho Libros, 2010.

GONDRA, J. G. Apresentação. Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 13-16, 2010.

ISOBE, R. M. R. **Moldando as práticas escolares**: um estudo sobre os Relatórios da Inspeção Técnica do ensino no Triângulo Mineiro (1906-1911). 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

KAPPEL, M. N. **O pensamento educacional de Estevam de Oliveira expresso através do jornal Correio de Minas (1897-1908)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

LEITE, M. M. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LOPES, E. M.; GALVÃO, A. M. Introdução. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LLORCA Y GARCIA, A. **La escuela primaria. Instituciones complementarias de la educación popular en Francia, Bélgica, Suíça e Itália**. Notas de viaje. Madrid: Librería de los sucesores de Hernando, 1912.

MICELI, P. **O Ponto onde Estamos**: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI). São Paulo: Página Aberta, 1994.

MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (Org.). Entre cartas e postais: uma inspiradora travessia. **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 43-64, 2010.

MIGNOT, A. C.; SILVA, A. L. Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 435-458, abr. 2011.

MOGARRO, M. J. Como eu vi o Brasil: a mulher e a educação na perspectiva de Emília de Sousa Costa. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracajú. **Anais...** Aracajú, 2008. Aracaju-Sergipe, 2008.

MORENO-MARTINEZ, P. L. Por las escuelas de Europa: los viajes de Félix Martí Alpera (1900-1911). In: MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (Org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

MUSSER, R. (Ed.). **El viaje y la precepción del otro**: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX). Madrid: Iberoamericana, 2011.

NUNES, C. Anísio Teixeira na América (1927-1929): democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação. In: MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (Org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

PIMENTA, J. **As duas margens do Atlântico**: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934). 2008. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PINTASSILGO, J. Exemplaridade institucional e renovação pedagógica: reflexões a partir das viagens de professores do Instituto Odivelas. **Revista Brasileira de História da Educação**: Dossiê das Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, n. 22, p. 65-86, 2010.

PINTO, I. A. G. **Um professor em dois mundos**: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891). São Paulo. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade de São Paulo, 2011.

ROCHA, I. **Canções de amigo**: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. 2010. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA POMBO, J. F. Notas de viagem. Norte do Brasil. (1918). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 13-16, jan./abr. 2010

_____. Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879). **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 3, 2008.

SCHUELER, A. F. M.; GONDRA, J. G. A longa peregrinação de um professor da roça na Europa. In: MIGNOT, A. C, V.; GONDRA, J. G. (Org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Olhar o outro, ver a si: Um professor primário brasileiro no “Velho Mundo” (1890-1892). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 88-114, 2010.

SARMIENTO, D. F. **Viajes**. Madrid: ALLCA XX, 1997.

SERRES, M. **De la educación popular**. Santiago: Imprenta de Julio Berlin i Compania, 1849.

_____. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SCARZANELLA, E. S.; SCHPUN, M. R. **Sin fronteras**: dialogos de mujeres y hombres entre America latina y Europa (Siglos XIX y XX). Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2007.

SILVA, A. L. **Escritas de viagem, escritas da história**: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. 2012. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SUSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIÑAO FRAGO, A. Viajes que educan. In: MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (Org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

WINBERG, Félix. El Diario de viaje inédito de Florencio Varela por Inglaterra y Francia (1843-1844). **Revista Histórica**, Montevideo, 1975.

_____. Sarmiento, Alberdi, Varela: viajeros argentinos por Europa. In: SARMIENTO, D. F. **Viajes**. Madrid: ALLCA XX, 1997.

Recebido em 23 de janeiro de 2013

Aceito em 14 de maio de 2013